

■

Neste número, a *Revista M.* apresenta um Dossiê de número 16 dedicado ao tema **A morte e as Guerras**, coordenado por **Adriane Piovezan** e **Helton Costa**. Os cinco artigos que o compõem, de grande solidez teórica, mostram que a morte é significada e ressignificada respondendo a interesses sociais específicos. No dossiê é possível observar como a investigação da morte é um meio pelo qual se resgata e se luta pela dignidade humana.

No primeiro artigo, *As carneiras da civilização caboclo-sertaneja no contestado: morrer e enterrar antes e durante a guerra: uma primeira leitura sobre a cultura fúnebre, crematórios e valas comuns*, Nilson Cesar Fraga, da Universidade Estadual de Londrina, nos oferece um primeiro balanço da cultura funerária, crematórios e valas comuns produzidos pela Guerra do Contestado (1912-1916), que serviu para consolidar a república brasileira à custa do extermínio da população cabocla. Além de deixar claro o caráter rural e simples dos caboclos, a obra mostra a gravidade do genocídio e a forma como os sobreviventes ainda são discriminados. Fraga descreve e ilustra fotograficamente um crematório, um cemitério civil (ameaçado pela derrubada de árvores pela indústria madeireira), o cemitério de anjos e uma vala comum, escondida entre as árvores e o mato.

Em *O contestado e a construção do mito do herói de guerra João Gualberto*, Ana Paula Ferreira Motta e Adriane

* Doutor em Estudos Mesoamericanos pela Universidade Nacional Autónoma do México. Professor Pesquisador da Área Acadêmica de História e Antropologia da Universidade Autónoma do Estado de Hidalgo (UAEH). Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores do México. Presidente em exercício do Conselho Editorial da Universidade (UAEH). CV: [Manuel Alberto Morales Damián \(uaeh.edu.mx\)](mailto:Manuel Alberto Morales Damián (uaeh.edu.mx))



Piovezan, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, nos mostram o outro lado da moeda: a forma como a elite política paranaense criou a estrutura política e cultural do imaginário do herói da Batalha de Irani, João Gualberto Gomes de Sá Filho, utilizando a imprensa e o Regimento de Segurança do Paraná,. Um processo habilmente explicado pelas autoras onde os ideais republicanos associados ao militarismo heroico são utilizados pelo governo do Paraná em uma conjuntura política de disputa por limites territoriais que vinha perdendo para Santa Catarina. O artigo destaca, ao mesmo tempo, o papel do jornalismo como empresa econômica em ascensão e construtora de verdades.

Wilson Oliveira Neto, da Universidade da Região de Joinville (Univille), enfoca o imaginário sobre a morte em combate dos alemães, durante a Segunda Guerra Mundial, a partir de lembranças, no artigo *A morte em combate e suas fontes históricas: os recordatórios de militares alemães da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. Em alemão, os *sterbebilder*, "imagens da morte", são pequenos cartões impressos com imagens e textos sobre os falecidos que representam uma forma de lidar com a morte violenta, fora de casa, sob impedimento do rito fúnebre tradicional. O estudo analisa um acervo particular com 36 recordatórios cujos donos são desconhecidos, mas que não deixam de ser um testemunho histórico pela informação iconográfica e pelo texto impresso.

Moises Franciscon, da Universidade Federal do Paraná, analisa 54 filmes de guerra sobre a Segunda Guerra Mundial, produzidos entre 1945 e 2019 (32 soviéticos e 22 russos), em *A morte nos filmes soviéticos e russos sobre a Segunda Guerra*. A sua abordagem teórica baseia-se na história do cinema de Marc Ferró. O estudo permite estabelecer como a morte projetada na imagem cinematográfica serve a diferentes finalidades políticas correspondentes a diversas conjunturas históricas. A morte pode então perder seu caráter individual para fazer parte do discurso posto pela construção da grande sociedade soviética ou retomar seu caráter emocional e íntimo quando se quer criticar o sistema.

No artigo *Sob a maré da história: os naufragos mortos da guerra submarina na costa de Sergipe (1942)*, **Luiz Antônio Pinto Cruz**, do Instituto Federal de Sergipe, e **Lina Maria Brandão de Aras**, da Universidade Federal da Bahia, abordam a questão da morte a partir de como os sergipanos vivenciaram a batalha do Atlântico Sul durante a Segunda Guerra Mundial, suas atitudes e percepções sociais. É um artigo que resgata a história oral e na qual a história militar se cruza com a história social ao estudar o impacto que o ataque do U-507 a sete navios produziu no litoral. Esta é uma contribuição que nos convida a continuar investigando a história sociocultural da guerra no Atlântico Sul.

Quatro **Artigos Livres** abordam a preocupação central desta revista desde a filosofia, as ciências da saúde, as redes sociais e os meios audiovisuais.

Em um ensaio filosófico com conotações poéticas, intitulado *Os três sinos: um ensaio sobre a tripartição da morte*, **Allan Martins Mohr**, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), argumenta que a morte pode ser compreendida sob três aspectos correspondentes à estrutura sincrônica do simbólico, do imaginário e do real, propostos por Lacan, representados num nó borromeano. Embora o psicólogo francês coloque a morte no círculo do simbólico e,



portanto, dentro da linguagem que constrói o sujeito, Mohr estende os aspectos da morte ao imaginário, onde o corpo está localizado, e ao real, que escapa a qualquer explicação e significado.

Darío Iván Radosta Rosas, da Universidade Nacional de San Martín, na Argentina, realiza um estudo etnográfico em uma instituição argentina que aplica a filosofia *hospice*, no artigo *Gestión de la autonomía en el cuidado al final de la vida*. Diante da desumanização que envolve a submissão do paciente ao médico, a perda da autonomia e, eventualmente, a morte social anterior à morte física, a vivência em um *hospice* repensa a dignidade da pessoa, sua autonomia, o respeito e a busca pela reparação da perda da identidade trazida pela doença que leva à morte.

Franciele Roberta Cordeiro lidera um grupo de autores da Universidade Federal de Pelotas e da Universidade Federal de Santa Catarina, que propõe o artigo *A morte é "pop": análise de perfis sobre fim de vida e cuidados paliativos no Instagram*. Este estudo baseado em perfis do *Instagram* enfoca o que se entende por morrer bem, luto e cuidados paliativos. Segundo o artigo, o *Instagram*, assim como outras mídias sociais, tem potencial para modelar comportamentos e estimular a reflexão sobre questões como a morte, sendo uma rede social pouco estudada em relação à morte, ao contrário do *Facebook*. Sob a ótica dos Estudos Culturais, o texto analisa como o *Instagram* serve para a expansão dos cuidados paliativos como opção que garante a dignidade humana frente à morte.

Em *Construindo significados no luto a partir dos filmes infantis Irmão Urso e Rei Leão*, **Taysa de Brito Alencar Santos**, **Heloísa Cristina Figueiredo Frizzo**, ambas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, e **José Henrique da Silva Cunha**, da Universidade de São Paulo, analisam a construção de significados nos processos de perda e luto, a partir de dois filmes infantis – *O Rei Leão* e *Irmão Urso*. Para os autores, pela sua natureza lúdica e recreativa, o cinema permite que o espectador possa eventualmente refletir sobre questões fundamentais como a morte e o luto.

Por fim, o número encerra-se com *Morte perinatal: a construção social da pessoa às margens da vida*, a resenha do livro do sociólogo francês Dominique Memmi intitulado *La seconde vie des bébés morts*. Elaborada por **Celina Moreira Mesquita Mercio Figueira**, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a análise crítica destaca o valor do trabalho para as ciências sociais e humanas em torno da saúde.

A **Revista M.** cumpre mais uma vez o seu dever de divulgar as pesquisas sobre a morte e o seu compromisso social com a dignidade humana.

